CRÓNICAS POPULARES

A SUBMISSÃO EUROPEIA

2025 / #1

A SUBMISSÃO EUROPEIA

2025-08-20 / #1

Depois da vergonhosa humilhação dos acordos das tarifas, a degradante posição de submissão da Europa face aos EUA parece voltar a sair reforçada desta última cimeira em que Trump recebeu os principais chefes de Estado europeus para discutir a guerra na Ucrânia.

É uma submissão antiga, porque, como já dissemos, a Europa autêntica foi derrotada e subjugada em 1945 e só os iludidos acham que ela foi aí "libertada". Mas não foi!... Foi submetida à vontade e ao domínio de duas potências que lhe são antinómicas, espiritualmente estrangeiras: os EUA e a ex-URSS, actual Rússia.

E desde então, as décadas passaram, mas nada mudou verdadeiramente a esse

respeito, mesmo com as várias transformações geopolíticas e de fronteiras ocorridas no Continente, a verdade é que a Europa nunca mais conseguiu ter verdadeira existência ou identidade própria.

Internamente as nações europeias estão também minadas por agentes do Império global americano e do império russo.

O plano estratégico dos EUA, através dos acordos comerciais e dos acordos militares que têm a guerra ucraniana como pano de fundo, consiste em impedir a reindustrialização europeia e a sua autonomia militar, forçando a Europa a uma dependência das empresas americanas de energia (reforçada, é facto, pela destruição do Nord Stream) e armamento.

Este estado de coisas irá atrasar por décadas qualquer objectivo de independência europeia, ou, quiçá, até impossibilitá-lo, mas a Europa, nas formas como hoje existe, seja através da União Europeia ou dos actuais governos nacionais, também não mostra vontade para se libertar ou para afirmar uma outra visão de si mesma, para ambicionar ser uma verdadeira potência geopolítica.

Recuando no tempo, e ao contrário do que a propaganda americana e russa difundem, depois da 2ª Guerra Mundial a União Europeia foi o que mais perto existiu de se poder materializar uma certa potenciação geopolítica das nações europeias na era dos grandes espaços e dos grandes blocos.

Não é acidental que a guerra de inteligência da propaganda russa, bem secundada pela inteligência americana (por vezes anglo-saxónica), insista na destruição da União Europeia na ideia de que a militarização do Continente é nociva ou na ideia de que é a União Europeia o grande problema existencial das nações europeias: ambas as potências ambicionam um novo século de Ialta, com o continente europeu desprovido de capacidade defensiva própria e dividido em pequenos Estados, a Oeste sob influência do império americano e a Leste sob influência directa do novo império russo.

Mas o problema nunca foi a ideia de construção europeia (basta ver a distopia que é hoje o Reino Unido pós-Brexit), mas sim, os pilares sobre os quais essa assentou. Porque a União Europeia foi uma construção naturalmente baseada nos ideais liberais e comerciais aos quais a Europa do pós-guerra foi obrigada a ficar reduzida.

Ora, uma verdadeira Europa-Potência não pode existir a partir desses fundamentos ideológicos e comerciais, ela tem de existir como projecção de uma vontade de *Imperium*, vontade de hierarquia, domínio e supremacia, como recuperação da sua antiguidade clássica para o futuro; ela tem de ambicionar ser uma Nova Roma assente num substrato comum aos povos europeus.

Rejeito a narrativa que insiste na impossibilidade de erguer uma união política europeia, sob o argumento de que isso nunca existiu ou de que o que devemos pretender é simplesmente ter uma "Europa das nações" (argumento caro a uma certa direita populista).

Na prática o que é isso de uma "Europa das nações"?... Que projecção geopolítica tem?... Isso parece ser precisamente a Europa das pequenas pátrias que

serve o objectivo de uma Ialta 2.0 e que americanos e russos ambicionam impor para dividir o Continente entre si.

Dizer que não há uma história de união política das nações europeias é um não argumento porque as realidades políticas não existem até passarem a existir e são amiúde o produto do engenho de uma minoria de grandes homens e visionários. E essas realidades, antes de existirem na prática e para as multidões, começam por existir na imaginação de poucos.

Depois, como escrevia Giorgio Locchi, lembrando Nietzsche, sem esquecer a nossa memória comum mais antiga, importa pensar a Europa não como mera pátria que é herança dos nossos pais, mas antes como legado, terra dos nossos filhos, do que está para vir…

Creio que a alternativa a isso é a irrelevância definitiva.